

O DESAFIO DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO

THE CHALLENGE OF BOLIVIAN IMMIGRANTS IN SÃO PAULO'S PUBLIC SCHOOLS

Bernardino Júnior Barreto de Oliveira ¹

RESUMO

INTRODUÇÃO: Este trabalho tem seu foco na situação dos estudantes imigrantes Bolivianos nas escolas Públicas da cidade de São Paulo. Sabe-se que ao longo dos anos isso tem crescido exponencialmente e grande parte deles tem morado na periferia da cidade de São Paulo; a maior comunidade de estrangeiros, e os Bolivianos se consolidaram no posto de primeiro lugar. Uma problemática importante está relacionada a essa migração: a dificuldade de adaptação ocasionada pelo estereótipo encontrado nos ambientes educacionais. **OBJETIVOS:** Fornecer dados sobre a situação dos migrantes bolivianos e nas escolas públicas da cidade de São Paulo; compreender os fenômenos que ocorrem durante a adaptação desta população nas instituições educacionais públicas e as barreiras que encontram referentes à xenofobia, preconceito linguístico, étnico e sociocultural; estudar medidas que possam amenizar essa questão ou até mesmo, oferecer formas de solucioná-la. **METODOLOGIA:** Este estudo baseou-se em uma pesquisa em meio digital através de sites acadêmicos na rede mundial de computadores como: Google Acadêmico, Scielo, Google books, além de revistas científicas entre outros, usando o método qualitativo na coleta de dados, o que proporciona maior liberdade de análise, reflexão sobre o tema e formas de melhor desenvolvê-lo. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Concluiu-se de que é preciso mudanças na educação quanto ao currículo escolar no sentido de oferecer atendimento eficiente às multiculturas, que favoreçam a inclusão dos imigrantes bem como um pensar atencioso na construção do Projeto Público Pedagógico das escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração. Educação Escolar. Estereótipos. Isolamento. Inclusão.

ABSTRACT

INTRODUCTION: This article deals with Bolivian immigrants and their situation in São Paulo's public schools. As we know, this immigration has grown exponentially and these people have lived in this city outskirts, which shelters the biggest foreign community. Bolivians, in this case, take the first place. There is here a complicated issue in this respect: the difficulty in adapting caused by Brazilian's stereotypes, mainly in scholar environments. **OBJECTIVES:** Provide data about Bolivian migrants inside São Paulo's public schools; Try to understand the phenomena that happen in these places during these people adaptation and the obstacles they found relating to xenophobia; linguistic, ethnic and socio-cultural prejudice; look for alternative measures that could mitigate or even, search for ways to solve this problem. **METHODOLOGY:** This study is based on a digital environment, a research made through academic websites as: Google Scholar, Scielo, Google books and scientific journals. The qualitative method is employed in this research data collection in order to provide more power of analysis and freedom to reflect on the theme and better ways to developed it. **FINAL CONSIDERATIONS:** Education in Brazil as well as in the city of São Paulo needs changes in the curricular purposes in order to provide attendance to multicultural needs of the Bolivian immigrant population inside the classrooms. A close and an efficient sight at the School Pedagogical Public Project elaboration is also necessary.

KEYWORDS: Immigration. Scholar Education. Stereotypes. Insulation. Inclusion.

¹Mestrando em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University. Pós-graduação em Língua Inglesa pela Universidade estadual de São Paulo (UNESP). Licenciatura em Letras pela Universidade de Guarulhos (UNG). **E-mail:** bernardo1979@hotmail.com. **Currículo Lattes:** lattes.cnpq.br/2942725653168631

INTRODUÇÃO

A migração é um tema bastante polêmico, gerador de muitos conflitos que requer de todos uma atenção especial, compreensão e aceitação. Nesse caso, muitos brasileiros questionam o esgotamento de recursos de trabalho, vagas em escolas e creches, a dificuldade de aceitação de novas culturas e etnias, convivência com o diferente. Talvez, nesse sentido, justifica-se a importância desse artigo; um esforço contínuo em pesquisar e mostrar um mundo novo, em constante mutação, carente de novas ideologias para que se possa somar, enriquecer, aprender com a migração; a pesquisa em busca de objetivos que ajudem a todos nós, brasileiros e a outros povos a desenvolver uma convivência saudável, compartilharemos com o objetivo de adquirir novos conhecimentos e novas posturas através desse movimento de populações imigratórias. Sabemos que os grandes grupos capitalistas só investem em países que aumentem o crescimento econômico e não podem prosperar em nações que seguem outras ideologias políticas, em que o estado é o centralizador das ações. A falta de investimentos implica crise financeira, o que ocorreu em vários países, não apenas na Bolívia e se exacerbou com o advento da globalização, trazendo miséria financeira àqueles que deixaram de satisfazer as tendências do mercado capitalista, que impera nas nações mais desenvolvidas. Além disso, outras causas como desastres ambientais, que levaram à destruição e perda de patrimônio engrossaram a lista da população que deixava o território boliviano. A imigração foi sempre uma constante no Brasil em outras décadas; a exemplo, tivemos os africanos, italianos, japoneses, entre outros; estes últimos fugindo da situação de crise pós segunda guerra mundial.

Após a lei da anistia em 1988, que permitia a regularização dos estrangeiros no Brasil, teve início uma imigração substantiva, proveniente dos planaltos da Cordilheira dos Andes na Bolívia. Isso aconteceu na

década de 1990, e os migrantes, no início, caracterizavam-se como estudantes, ou profissionais com formação universitária ou técnica que não obtinham sucesso em sua terra, tais como: médicos, dentistas, engenheiros, e mulheres que vinham realizar trabalhos domésticos. Esse deslocamento boliviano expandiu-se sobremaneira após essa década de 1990, foi muito massivo e compreendia uma camada mais pobre da população: trabalhadores de fábrica, autônomos, artesãos, entre outros de escolaridade precária que sofriam com a recessão econômica em seu país. Uma grande parte dos imigrantes que vem para São Paulo é absorvida pelo segmento de confecções. (FREITAS, 2012, p.. 224).

Cerca de 100.000 bolivianos por ano deixaram seu país a partir das consequências das medidas econômicas adotadas pelo governo a partir de 1985. (PEREIRA apud FREITAS, 2012, p. 224).

OBSTÁCULOS NO CAMINHO

Apesar de todo o sacrifício enfrentado em seu país, quando os imigrantes bolivianos chegam à cidade de São Paulo, muitos deles residem em lugares inapropriados, por vezes, no mesmo local de trabalho: oficinas de confecção administradas por próprios bolivianos; coreanos e chineses. Os imigrantes são submetidos a regime escravo, trabalham exaustivamente por uma média de 17 horas diárias em bairros comerciais como a região do Brás, atendendo a demanda das lojas locais. Não contam com benefícios legais nessa questão. Uma das primeiras barreiras que encontram ao chegar é de ordem cultural, resumidas em poucas atividades de cunho religioso; participação em festas católicas, e apresentações artístico-folclóricas, geralmente em praças ou no Memorial da América Latina, entre outras. Não há um entrosamento efetivo desses grupos com a população brasileira, pela própria diversidade cultural e pela dificuldade de comunicação através da própria língua, que embora seja

latina, possui características bem diferentes. Há também contradições de comportamento bem visíveis entre esses dois povos: ao mesmo tempo em que brasileiros se comunicam de forma expansiva e sem acanhamentos, o boliviano é mais fechado, calado e é entendido pelos brasileiros como “índios”, pela semelhança física e indumentária que usam e “escravos” por serem submetidos a um regime laboral que assim os caracteriza. (SILVA, 2012, p. 19-34).

A ESCALADA PARA A EDUCAÇÃO - A LÍNGUA COMO BARREIRA

Apesar do apoio legal que garante a inclusão dos imigrantes bolivianos nas escolas públicas municipais e estaduais, o primeiro grande obstáculo a transpor é o da linguagem diferente da sua. Neste caso, o próprio autor desse artigo, convive diariamente em sala de aula com o problema da dificuldade de comunicação que essa clientela apresenta, o que traz prejuízo à sua aprendizagem, assim como ao relacionamento com outros alunos nativos.

A questão da aprendizagem está proporcionalmente ligada ao entendimento da língua do país acolhedor, até mesmo no aspecto de entrosamento social, no entanto, as escolas públicas em sua maioria, não contam com um programa direcionado a este fim infelizmente, ficando a cargo dos pais oferecerem uma ajuda que não está a seu alcance. (FREITAS, SILVA, 2015; GONDIN, PINEZI, 2020 apud KOHATSU; BRAGA; FELIPPE, p. 186).

Desta forma, torna-se difícil uma aprendizagem significativa através de um ensino monocultural concentrado apenas no método de assimilação de conteúdos, uma vez que a heterogenia encontrada dentro das escolas públicas requer conteúdos que estejam relacionados às várias culturas ali presentes. Uma educação de qualidade não pode se resumir ao conteudismo e sua mera memorização. (RAMOS, 2008, p. 58 apud KOHATSU; BRAGA; FELIPPE, p. 187).

A questão familiar também é decisiva para a territorialização do imigrante na escola e ela não acontece quando há aceitação dos responsáveis pela inserção dos filhos em escolas cuja clientela é em sua grande parte caracterizada como dominante, nada inclusiva, favorecendo a possibilidade de exclusão e isolamento. Cabe, portanto, aos responsáveis fazer constantes reivindicações recusando-se a aceitar tudo que lhes é imposto, pelo motivo de dar vazão a um ensino de má-qualidade. (RODRIGUES, 2016, p. 1-17).

PRECONCEITO, XENOFOBIA, ESTEREÓTIPOS

O ser humano não aceita conviver com as diferenças desde longa data. Nesse aspecto, ao encontrar uma população que não é do seu país, não é capaz de admitir o fato de relacionar-se com povos que julga inferiores, socialmente, culturalmente. Isso se caracteriza como xenofobia (aversão a imigrantes) gerada por estereótipos (padrões sistemáticos adotados por uma sociedade, sem presença da verdade), o que não deixa de ser um preconceito.

Conforme pesquisa realizada em 2011 em um artigo de pós-graduação na área da educação, a autora relata suas observações a respeito do tratamento dispensado aos imigrantes pelos brasileiros, que os identificava como “bolivas”, estranhos, mal-cheirosos não os reconhecendo como colegas de classe e de grupos de estudo. A partir disso, iniciou-se uma pesquisa sistematizada com base na teoria de Bordieu no ambiente de uma escola pública municipal da Zona Norte de São Paulo, ensino fundamental 2. A questão é mais complexa do que parece, tem fundo nos conceitos de classificação e desclassificação (posição de ascensão ou decadência em um grupo social), no *habitus* definido como comportamento padrão de ordem mental que impulsiona a ação e através de atos aprendidos com a própria sociedade. Em relação ao preconceito contra índios, deve-se a uma tradição histórica criada desde o

período colonial, transmitida de geração em geração assim como acontece com os negros.

Ficou claro para a autora através das sessões de observações que os imigrantes bolivianos ficam isolados, ou em grupos pequenos, principalmente durante o intervalo das aulas; às vezes nem notados, sofrem desprezo dos colegas brasileiros e quando sofriam agressões por serem chamados de “bolivas” tentavam defender-se, alegando serem brasileiros, filhos de bolivianos, mudando de feição, o que refletia a tensão que o incidente lhes causava. Evidenciou-se também o receio de perda de empregos dos brasileiros com essa imigração (comprovado através da fala dos alunos brasileiros). A autora pôde presenciar que a interação saudável entre os dois grupos aconteceu por raríssimas vezes. A conclusão apresentada é que o trabalho de pesquisa carece de continuidade, uma vez que há limitações, porém é frutífero por contribuir com dados que servirão para análise em estudos futuros sobre o tema. Quanto às reuniões de Conselho de Classe, cujo acompanhamento fazia parte da pesquisa, depreendeu-se que cada professor comentava com o corpo docente por cerca de três minutos apenas sobre a questão de notas e comportamento individual de alunos. Os pesquisadores tiveram acesso a depoimentos de professores feitos à inspetora de alunos e a existência de um documento encaminhado a pais de alunos com o objetivo de obter detalhes sobre a clientela escolar. (OLIVEIRA, 2013, p. 9-105).

POR UM CURRÍCULO MAIS INCLUSIVO

Em uma dissertação de mestrado, um educador debruçou-se na pesquisa qualitativa de experiências docentes da área de Educação Física em uma escola municipal que aposta num ensino multiculturalista, que foge da centralização de um currículo teórico da disciplina. A ideia destes professores era trabalhar com temas transversais multiculturais que envolvessem realmente quem precisasse na prática. Os maiores

empecilhos que enfrentaram foi a resistência de aceitação tanto de alunos como de professores e gestão aliada a algumas incertezas e limitações que o método qualitativo oferece, muitas vezes não garantindo ao pesquisador que sua análise seja concreta, próxima à realidade necessária, tendo em vista a grande quantidade de dados investigados.

Em um dos vários artigos responsáveis pelas entrevistas, um deles, intitulado “Fronteiras” indagava os alunos sobre sua aceitação ao tema de diferenciação do currículo e sobre o número de ocorrência de projeto similar na escola. Após isso, o grupo de professores debateu o tema multiculturalismo e confrontou-o de forma a levantar dados de como esse aspecto era teorizado no Currículo, concluindo que em relação a latinos, afro-americanos e mulheres, ele é conservador, imputando um caráter de inferioridade e carências àqueles sujeitos, mencionando que a contribuição destes povos é mero acréscimo a uma cultura dominante, ou com vagas referências a estes temas. Resumindo, o currículo oficial de Educação Física restringe-se às modalidades ginástico-esportivas, é apoiado respectivamente em modelos europeus e americanos. O ideal, segundo o pesquisador é mudar a modalidade de jogos competitivos para cooperativos, promovendo assim, uma vida saudável, feliz, igualitária e inclusiva em que todas as culturas são valorizadas e respeitadas sem o tom estereotipado dos currículos baseados em histórias de pessoas distantes do universo escolar. (FRANÇOSO, 2012, 258 p.).

METODOLOGIA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método qualitativo selecionado pelo autor possibilitou a divulgação de informações específicas relacionadas ao tema em questão. O conteúdo encontrado em sites acadêmicos, livros virtuais e revistas científicas possibilitou uma análise positiva do material. As limitações ocorreram pela própria natureza

do caráter artigo, quanto ao número de dados pesquisados.

Pelo exposto através das informações coletadas, pudemos verificar que a imigração é um fato inerente ao momento em que vivemos, é também uma forma de sobrevivência material e mental para povos praticamente sem condições de continuidade em seu país de origem. Espera-se que tenham ficado claras as barreiras de adaptação que os bolivianos encontram na terra que os acolhe, bem como as agruras que sofrem quanto à vida pessoal e profissional.

E como todos os jovens dependem da Educação como um meio de ascensão social, cultural e profissional, essa população não é diferente, precisa a todo o custo, estudar e, em escolas inclusivas, que os escutem e desenvolvam projetos multiculturais em que possam participar e terem voz.

Vimos também que esse fato não acontece de forma geral, uma vez que os estereótipos, preconceitos e xenofobia que encontram levam ao sofrimento e a sua exclusão dos grupos sociais.

Chega-se a conclusão de que o currículo teórico tradicional pouco tem visualizado do problema, concebendo os grupos não dominantes como inferiores, e pequenos colaboradores para a cultura prestigiada no país.

Revelou-se através do estudo desenvolvido que há ausência ou pouca pesquisa envolvendo esse tema tão relevante, que requer uma visão humanística por parte dos profissionais e gestão escolar. Sendo assim, o problema requer maior atenção por ocasião da elaboração do Projeto Político-Pedagógico escolar no sentido de criar projetos direcionados a essa questão para próprio crescimento pessoal dos alunos nativos, brasileiros para que aprendam a respeitar, incluir e compartilhar ao invés de egoisticamente humilhar. Do mesmo modo, é preciso ter visão para programas que facilitem a aprendizagem do idioma português nas escolas públicas do país, uma vez que essa clientela aceita tudo o que lhes é imposto nessas instituições,

não conta com a ajuda dos pais no sentido de entendimento da língua portuguesa, pois sabem menos do que os filhos.

Infelizmente, as crianças, os jovens aprendem a construir os estereótipos em casa, com a própria família.

Foi citado nas pesquisas que tais modelos mentais baseiam-se no medo de perder colocações profissionais e lugar de ascensão social superior a outras classes minoritárias como os imigrantes. Se realmente forem estas as causas, que se trabalhem esses medos, envolvendo os atores deste comportamento desumano no intuito de construir um mundo melhor para todos.

REFERÊNCIAS.

FREITAS, Silva, 2015; GONDIN, Pinezi 2020 apud KOHATSU, Lineu Norio; BRAGA, Adriana de Carvalho Alves; FELIPPE, Irene Monteiro. **Estudantes secundaristas de origem boliviana: relatos de experiências sobre Línguas, Culturas e Identidades.** REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum, Brasília, v. 30, n. 65, ago. 2022, p. 185-202, p. 186. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/b5CPYy7j9wfmQWRv9kPZYkj/?format=pdf&lang=pt>.

FREITAS, Patrícia Tavares de. **Vista da imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção** – em busca de um paradigma analítico alternativo. Informe GEPEC [SI], vol. 15, n. 3, p. 222-240, 2011, Artigo apresentado no VII Encontro Nacional sobre migrações de Tema central. DOI: <https://doi.org/10.48075/jgepec.v15i3.6280>. Disponível em: saber.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/6280.

OLIVEIRA, Lis Régia Pontedeiro. **Encontros e confrontos na escola: um estudo sobre as relações sociais entre alunos brasileiros e bolivianos em São Paulo.** São Paulo, Pontifícia Universidade Católica (PUC), 2013, Artigo de mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). Disponível em: sapientia.pucsp.br/handle/handle/10420.

PEREIRA, V. Vacaflores apud FREITAS, Patrícia Tavares de. **Migración interna en Bolívia—causas y consecuencias (1985 –2000).** La Paz: CEF –Plural Editor, 2004.

RAMOS, Natália, 2008, p. 58 apud KOHATSU, Lineu Norio; BRAGA, Adriana de Carvalho Alves ; FELIPPE, Irene Monteiro. **Estudantes secundaristas de origem boliviana: relatos de experiências sobre Línguas, Culturas e Identidades.** REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum, Brasília, v. 30, n. 65, ago. 2022, p. 185-202, p. 187. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/remhu/a/b5CPYy7j9wfmQWRv9kPZYkj/?format=pdf&lang=pt>.

RODRIGUES, Leda Maria de Oliveira. **Análises educacionais** – território e desterritorialização. Artigo publicado na revista Ponto e Vírgula. São Paulo, n. 20, p. 1-17, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=hZI6DwAAQBAJ&pg=PT135&dq=dificuldades+em+portugues+que++os+bolivianos+enfrentam+nas+escola+pública+de+S+P&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiQzfTa0YP7AhUFrpUCHab8B3YQ6AF6BAGHEAI#v=onepage&q=desterritorializaçao&f=false>.

SILVA, Sidney A. da. **Bolivianos em São Paulo**. Dinâmica Cultural e Processos Identitários. Artigo em livro. Imigração boliviana no Brasil. Campinas, 2012, p. 19-35. Universidade Estadual de Campinas. ISBN 978-85-88258-29-7.